

Das Ciências da Comunicação: reflexão sobre a construção de sentido pelo viés da análise semi-discursiva¹

Ivanise Hilbig de ANDRADE²
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Giovandro Marcus FERREIRA³
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

Este trabalho realiza uma reflexão a partir das Ciências da Comunicação, pelo viés da Análise do Discurso e Sociossemiótica, sobre a construção do sentido nos e pelos *media* com o objetivo de compreender como os estudos sobre a mensagem evoluem para uma problemática de produção de sentido. Inicialmente, são abordados os modelos comunicativos que se ocupam da transmissão da informação e da mensagem para, em seguida, focalizar as contribuições teórico-metodológicas de Eliseo Verón às pesquisas que buscam superar uma visão imanente do discurso mediático em si e avançar para uma compreensão do processo de construção de sentido, tendo como escopo o processo de produção-circulação-reconhecimento.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação; Análise Semi-discursiva; Sociossemiótica, Produção de Sentido; Discurso Mediático.

A questão do sentido no escopo dos estudos da Comunicação

A problemática do sentido – sua produção, circulação e reconhecimento – está na pauta das Ciências da Comunicação desde a elaboração das primeiras teorias que buscavam explicar o processo de transmissão de mensagens, nos final dos anos 1940. O modelo matemático de Shannon e Weaver (1949), por exemplo, tinha como objetivo compreender o funcionamento dos telégrafos. Noções como emissor, receptor, informação, canal, código e ruídos, historicamente relacionadas às pesquisas em comunicação, tem origem neste período e foram base para inúmeros outros modelos.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo (SP), 05 a 09/09/2016.

² Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. E-mail: ivaniseha@gmail.com

³ Professor na Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, e Doutor em Ciências da Informação – Media, no Instituto Francês de Imprensa e Comunicação, Universidade Paris 2 – Panthéon-Assas. E-mail: giovandro.ferreira@gmail.com

Mauro Wolf (2003) considera como ‘teorias comunicativas’ os estudos que tem como questão central a transmissão de informação e a produção de sentido. Entre os autores franceses, o termo utilizado para categorizar esse conjunto de abordagens é ciências da comunicação (BOUGNOUX, 1999; MEUNIER e PERAYA, 2008). Segundo Daniel Bounoux, as Ciências da Informação e da Comunicação surgem como disciplina dentro de um contexto de interrogações antropológicas sobre a redefinição da cultura e com as diferentes maneiras de se comunicar. Hoje, acompanham e buscam compreender as transformações dos meios de comunicação, o desenvolvimento de novas tecnologias e a expansão das relações entre os públicos, examinando as condições práticas (o instrumental midiático, institucional e simbólico) de produção dos meios de comunicação (BOUGNOUX, 1999, p.13-14).

Os livros e compilados sobre Teorias da Comunicação são muito divergentes entre si no que tange à apresentação e nomeação das escolas e paradigmas que se debruçam sobre a problemática do sentido. Apesar dessa constatação, há consenso em separar as teorias da informação, que tem a transmissão e a codificação/decodificação da mensagem como focos, das teorias do discurso ou do texto, que tratam da produção, circulação e reconhecimento de sentidos. Torna-se importante compreender, pois, como os estudos sobre a mensagem evoluem para uma problemática de produção de sentido.

Bounoux (1999, p. 14-15) considera que o núcleo de estudos das Ciências da Comunicação está na lógica da mídia, buscando examinar os meios de comunicação sob todas as suas facetas: em seus aspectos *semiológicos* (que tipos de signos utiliza tal *media* e como os relaciona), *pragmáticos* (como os usuários se apropriam das mensagens para modificar-lhes o sentido e qual o grau de interação entre emissão e recepção), *imaginários* (como o indivíduo ou a sociedade não apenas utilizam a ferramenta de comunicação, mas irrealiza-a, estetiza-a, envolve-a com identificações ou projeções) e *sistêmicos* (como possuímos os meios de comunicação que nos possuem). Uma visão holística acerca do objeto da comunicação que pressupõe compreendê-la dentro de um quadro de variedade de meios de comunicação e de riqueza de “*jogos de comunicação*” (BOUGNOUX, 1999), ou seja, de interações entre todas as instâncias envolvidas no processo comunicativo, independente se existe ou não a mediação de um dispositivo técnico. Assim:

As mensagens que trocamos raramente se reduzem só à linguagem, e servem para muitas outras coisas além de nos informar mutuamente. Uma primeira distinção entre *conteúdo* e *relação* mostrará que a comunicação não se limita à informação, esta última não constituindo senão uma parte tardia, emergente e, de modo algum, indispensável. (BOUGNOUX, 1999, p. 31).

Bougnoux (1999) detém-se na exposição e discussão de algumas problemáticas que considera cruciais no campo das Ciências da Comunicação a fim de oferecer algumas ferramentas de análise e de apreensão dos fenômenos. Em seu percurso notadamente interdisciplinar, dedica dois capítulos da obra a três grandes disciplinas que tem em comum a problemática do signo e do sentido: a semiologia de Ferdinand de Saussure, a semiótica de Charles Sanders Peirce e a Teoria da Enunciação de inspiração benvenistiana.

Por essa perspectiva, no escopo das Ciências da Comunicação, os estudos sobre Linguagem e Discurso incluem enfoques, entre outros, da linguística, da semiologia estruturalista, das teorias da enunciação, da pragmática, das teorias sobre os gêneros e estilos discursivos, da retórica, da semiótica greimasiana, da semiótica da cultura de Lotmann e da semiótica de raiz peirciana de Eliseo Verón, Umberto Eco, Paolo Fabbri, entre outros. Cada uma dessas abordagens pressupõe construções científicas e métodos específicos.

A partir do exposto, a proposta deste trabalho é realizar uma reflexão sobre as principais discussões teóricas em torno da problemática da produção de sentido nos e pelos *media* empreendidas pelas Ciências da Comunicação, pela Análise de Discurso e pela Sociosemiótica, focalizando as contribuições teórico-metodológicas de Eliseo Verón aos estudos que buscam compreender o processo de constituição de sentido, suas condições de produção e implicações na significação. O texto divide-se, assim, em duas sessões: uma primeira parte em que evidenciamos as teorias comunicativas que se voltam para as problemáticas dos fluxos informacionais e da mensagem, e uma segunda parte em que destacamos a importância de pensarmos sobre teorias e modelos de análise de produtos e processos mediáticos que articulem diferentes domínios do saber (semiologia, semiótica, sociologia etc).

Modelos comunicativos: da transmissão ao sentido

Wolf (2003) diferencia o conceito geral de “Teorias das Comunicações de Massa” das “teorias comunicativas” e as divide em: o modelo de comunicação da teoria da informação (teoria matemática de Shannon-Weaver, 1949), o modelo de comunicação semiótico-informativo (Eco-Fabri *et al*, 1965) e o modelo semiótico-textual (citando trabalhos de Eco-Fabri e Lotmann). Sobre o modelo semiótico-textual, Wolf afirma que essa perspectiva teórica consegue descrever, em termos semióticos, alguns traços estruturais

específicos da comunicação de massa, como as relações e as práticas textuais. “Não mais as mensagens a serem veiculadas na troca de comunicação (o que pressuporia uma posição paritária entre emissor e receptores), mas a relação de comunicação que se constrói em torno de conjuntos de práticas textuais” (WOLF, 2003, p. 125).

Ferreira (2010) realiza um apanhado histórico-analítico, baseando-se na divisão proposta por Mauro Wolf, com o objetivo de descrever as características dos modelos presentes na migração da fórmula do rendimento do fluxo informacional para a da produção de sentido no âmbito dos estudos comunicacionais. Segundo o autor, o modelo informacional ou das telecomunicações busca a otimização do fluxo comunicacional, sendo o primeiro a colocar em relevo o termo “comunicação” na condição de “transmissão”. Tem como principais características as concepções de linearidade, causalidade e determinação, em uma espécie de relação estímulo-resposta, ativo-passivo. É essencialmente uma teoria da transmissão de signo e prevê que de um lado exista uma fonte emissora de signos no interior de um dispositivo de transmissão e de outro um receptor que realiza a conversão desses signos para um destinatário. Em seu centro encontra-se, portanto, o código e todo o processamento da comunicação visa ao bom rendimento da transmissão desse código.

Esse modelo foi sendo abandonado ao longo do tempo, mas seguiu influenciando estudos em diversas áreas. O linguista Roman Jakobson é apontado como um dos difusores do que considera ser um “alargamento” teórico do modelo comunicativo, por ter feito um trabalho de integração de dois campos: a linguística e a teoria da comunicação. “Jakobson tem o mérito, mesmo se apropriando do modelo informacional, de ser um dos primeiros linguistas a fazer a distinção entre o processo de produção e o de recepção de frase, [...] ao defender um código comum e uniforme na relação funcional emissor/receptor” (FERREIRA, 2010, p. 47).

Com esta nova mirada, o modelo informacional se desloca da busca de eficácia e rendimento preconizado pelo processo comunicativo, rumo a uma problemática mais geral da comunicação: o modelo semio-informacional. O desenvolvimento teórico guarda, essencialmente, o esquema anterior, porém, o mais importante é que a linearidade da transmissão encontra-se ligada ao funcionamento dos fatores semânticos pelo viés do conceito de código.

A noção de comunicação prevê a transformação de um sistema por outro e não mais a transmissão de informação, no momento em que o código se encontra tanto na emissão quanto na recepção. Tal perspectiva paradigmática abriu um novo campo de estudo para a

análise semiótica, qual seja: o estudo da mensagem (do texto ou do produto mediático) enquanto produção de significados. “Para o estudo das comunicações de massa, tem certa relevância o fato de que o destinador e o destinatário não cumprem distinções e avaliações apenas em termos de probabilidade do sinal, mas também, e sobretudo, em termos de sentido do que se comunica e do próprio ato de comunicar.” (WOLF, 2003, p. 115)

Verifica-se, então, um espaço bastante complexo e articulado entre a mensagem como forma significativa que veicula um certo significado e a mensagem que é recebida como significado. Do ponto de vista semiótico, é nesse espaço que se efetua a partilha de competências entre o meio de comunicação e o destinatário, permitindo a configuração do sentido. Ou seja, é o caráter enciclopédico do destinatário acerca das práticas textuais da cultura que possibilita que ele preencha as lacunas de sentido⁴. Do ponto de vista sociológico, é neste campo que se articulam as variáveis implicadas entre os dois parceiros do processo comunicativo: emissor e receptor. “As diversas situações socioculturais vão suscitar uma pluralidade de códigos ou de regras de competência e de interpretação” (FERREIRA, 2010, p. 48), que, em última instância, contribuem para o processo de construção do significado.

O modelo semio-informacional concebe, no processo de comunicação, um caráter contratual entre a produção e o reconhecimento da mensagem. O contrato é baseado, de um lado, sobre o reconhecimento e articulação dos códigos e, de outro, sobre a situação específica do processo de comunicação. O aspecto contratual funda-se na articulação dos códigos e dos subcódigos entre dois polos da comunicação e nas circunstâncias forjadas pelos fatores sociais que levam à simetria na produção e no reconhecimento da comunicação, o que evidencia a dupla noção do reconhecimento da comunicação. “Há uma dupla situação e não uma recepção que é modelada pela mensagem como apregoavam certos teóricos no passado. Essa dupla situação releva a existência de dois destinatários: um construído pelo destinador na relação dos códigos com o destinatário e, outro, o destinatário empírico que é sempre uma referência na produção textual.” (FERREIRA, 2010, p. 49)

O grande mérito e inovação do modelo semio-informacional é sua abertura em direção aos aspectos sociológicos, quando destaca a influência dos fatores sociais no

⁴ Umberto Eco (1986) elabora, além dessa reflexão sobre o papel do destinatário na constituição de sentidos do texto, a noção de “leitor-modelo”, definido como um destinatário construído pelas estratégias da enunciação do texto como uma proposição de apreender o destinatário empírico. O leitor-modelo cumpre função de um receptor imaginado a quem se dirige o texto e consistia em um dos fundamentos essenciais do modelo semio-informacional.

processo comunicativo. Possibilita, assim, o avanço para outras frentes de pesquisa que irão relacionar o discurso às suas condições constitutivas de produção.

Em uma terceira abordagem, a semiodiscursiva, o modelo de comunicação não está mais ancorado ao binômio codificação/decodificação como o único ou o mais importante núcleo de explicação da relação entre a produção e o reconhecimento do ato de linguagem. A relação entre esses dois polos não se limita pelos códigos e mensagens, mas pelo conjunto de “práticas textuais”⁵. A noção de signo passa então de portador de informação inserido em um código, no modelo informacional, para elemento constitutivo de práticas textuais imersas na cultura⁶.

A competência interpretativa, nesse modelo, não fica mais restrita à apreensão de códigos puros e simples, conforme discutido anteriormente, mas a uma aptidão dos destinatários desenvolvida com o consumo precedente de textos ou sistemas de signos. Evidencia o reconhecimento, como também a produção, como “lugares de diálogo intextual, em que um novo texto é tecido pelos ecos de outros textos anteriores” (FERREIRA, 2010, p. 51).

Outro aspecto decisivo desta abordagem dos processos de comunicação é a noção de efeitos possíveis – ou leituras possíveis – na descrição das trocas entre o enunciador e o destinatário, numa concepção que leva em conta um desnível constante entre a produção e o reconhecimento discursivo. Em outras palavras: existe um desnível permanente entre o destinatário presumido e o destinatário empírico. No entanto, esse desnível entre os dois destinatários – discursivo e empírico – não é jamais contemplado ou nivelado ao longo de um processo de comunicação. Assim:

Nessa visão, o destinatário deixa de ser um “depósito” da transmissão de signos, como já foi visto precedentemente, mas se torna um alvo em constante evolução, cujos movimentos terão incidências sobre a produção discursiva. A análise semiodiscursiva se situa, sobretudo, na relação entre a produção e o reconhecimento, e situa a problemática, extrapolando a sincronia do processo de comunicação, levando, igualmente, em consideração a significação impulsionada pelo passado. (FERREIRA, 2010, p. 52).

⁵ Ao expandir a noção de mensagem para práticas sociais, essa nova abordagem da produção de sentido supera a análise imanente ou contedística muito trabalhada em análises de conteúdo e por analistas de discurso, avançando para estudos em que o contexto, as condições de produção, circulação e de reconhecimento são constitutivas do sentido.

⁶ Cultura pode ser representada como um conjunto de textos e, também, como um sistema de regras que determinam a criação e a orientação das novas produções textuais. A noção de conjuntos de “textos” ou “sistemas de signos” corrobora no papel de reconhecimento ou recepção da comunicação (FERREIRA, 2010, p. 50-51).

Por conta dessa evolução no pensamento sobre os processos de comunicação, inclusive pelos *media*, é que a pesquisa sobre o discurso mediático é levada, cada vez mais, a considerar as variáveis do contexto dos processos de comunicação. Para Mauro Wolf (1993), conectar discursos, interações e contextos sociais é o objetivo explícito dessa corrente de estudos que considera o discurso não somente um objeto semiótico, mas algo que está constantemente ligado a outros contextos.

Produção e recepção são, portanto, dois polos conceituais produtores de sentido. O desnível entre eles é provocado pela circulação que adquire diferentes formas, segundo o tipo de produção significativa almejada. A circulação é o conceito oriundo de um modelo que posiciona o discurso entre sua produção e seus efeitos, oferecendo à análise uma dinamicidade acerca da variação do investimento de sentido nas matérias significantes, ao longo do tempo e de acordo com a influência recebida do suporte material-tecnológico do discurso.

Assim, o que tradicionalmente se estuda como marcas linguísticas, nessa nova abordagem, passam a ser traços ou pistas da operação de engendramento e/ou de reconhecimento do discurso, que definem o sistema de referência das leituras possíveis. Tais marcas sobre a superfície dos discursos são interpretadas a partir de dois polos analíticos: enquanto pistas ou traços tanto das operações de produção quanto das operações de reconhecimento.

Compreendendo a complexificação dos produtos e processos mediáticos, o modelo de análise semiodiscursiva tem avançado, cada vez mais, para uma perspectiva que articula a análise do produto com suas condições sociais e históricas de produção, de circulação e de reconhecimento, conforme a Teoria dos Discursos Sociais pensada por Eliseo Verón.

Contribuições da Sociossemiótica de Eliseo Verón às Ciências da Comunicação

No âmbito do quadro teórico dos estudos sobre a produção de sentido e o funcionamento discursivo dos produtos mediáticos, encontra-se a Sociossemiótica de Eliseo Verón - também chamada de Teoria da Discursividade ou Teoria dos Discursos Sociais. Segundo Valdetaro (2015), a sociossemiótica é uma abordagem empírica, material, situada e lógica da circulação social do sentido, e se distancia de qualquer fundamento intencional, hermenêutico, fenomenológico e de todo modelo subjetivista de ator social, uma vez que pressupõe que a construção da realidade social se processa na *semiose*.

Eliseo Verón, semiótico argentino, teve sua formação marcada por uma inserção inicial no campo da linguística e em seguida aproxima suas reflexões às do filósofo Charles Sanders Peirce, especialmente sobre o enfoque dinâmico do signo e a *semiosis*. Em linhas gerais, semiose é uma explicação triádica – primeiridade, secundidade e terceiridade – para todos os fenômenos da experiência. Uma rede significante infinita, cultural, social e histórica, que abarca a dimensão significativa dos fenômenos sociais (VERÓN, 1987; 2013).

De acordo com Verón, a Teoria dos Signos elaborada por Peirce é uma teoria destinada a pensar a complexidade da sociedade humana, ou seja, a complexidade da produção de sentido. Comporta, portanto, uma perspectiva antropológica geral sobre a produção de sentido, sendo um processo relacional de caráter infinito entre três entidades: signo, objeto e interpretante. “A semiose ‘mínima’ é apenas o ‘ponto de partida’ arbitrário de um observador em um momento dado: pressupõe outro interpretante ao qual ela reenvia necessariamente. E um interpretante é um signo que reenvia por sua vez a outro signo. A semiose é, pois, esse entrelaçamento infinito de terceiridades. Esse processo não tem nem princípio nem fim.” (VERÓN, 1994b, p. 22-23).⁷

O pesquisador desenvolve sua teoria na década de 1980 analisando como os discursos – entre eles o mediático – funcionam dentro da sociedade e produzem sentido. Dedicar-se a descrever e analisar a discursividade social, ou os processos de produção de sentido, a partir de uma noção de discurso que remete, primeiro, a uma abordagem triádica de signo e depois a um entendimento de discurso como fenômeno ou prática social. Como afirmado anteriormente, apoia-se principalmente na lógica-semiótica de Peirce por possibilitar uma mirada mais ampla que a oferecida pela linguística, que reduzia o sentido ao foco intencional da consciência. Assim como os primeiros modelos de transmissão de informação das Ciências da Comunicação, as análises linguísticas “não questionavam a *materialidade do sentido*, pois viam tanto a leitura quanto a escrita como duas posições indistintas” (BRAGA, 2008, p. 251)⁸.

Segundo Braga (2008), a teoria dos discursos sociais de Verón apresenta uma *dimensão translinguística* por recuperar duas problemáticas que haviam sido relegadas tanto pela linguística quanto pela semiologia: a questão da materialidade do sentido e da

⁷ “La semiosis ‘mínima’ no es más que un ‘punto de partida’ arbitrario de un observador en un momento dado: presupone otro interpretante al cual ella reenvía necesariamente. Y un interpretante es un signo que reenvía a su vez a otro signo. La semiosis es, pues, ese entrelazamiento infinito de terceridades. Este proceso no tiene ni principio ni fin.” (VERÓN, 1994b, p. 22-23).

⁸ “no se planteaban la *materialidad del sentido*, sino que veían tanto la lectura como la escritura como dos posiciones indistintas.” (BRAGA, 2008, p. 251).

construção da realidade na rede infinita da semiose social. Ambas problemáticas remetem seu pensamento à categoria de terceiridade de Peirce que é a da representação, isto é, à ideia segundo a qual todo pensamento é um signo que representa outro signo. O discurso, por esse enfoque, é social, é da ordem do funcionamento da sociedade e se relaciona com a noção de verdade, de lei e de razão.

Verón inicia sua trajetória de investigações compreendendo os discursos sociais enquanto objetos empíricos que podem ser entendidos como conjuntos textuais presentes na sociedade e que se formam a partir das relações entre diversas matérias significantes (escrita e imagem, imagem e palavra, imagem e som, etc) e demandam escolhas teóricas e metodológicas para abordá-los (BRAGA, 2008). Nas palavras de Eliseo Verón: “um texto, de fato, pode ser ou não abordado a partir de uma perspectiva discursiva: podemos, por exemplo, dividi-lo em “enunciados canônicos” (o normalizar) destruindo assim suas propriedades discursivas”⁹ (VERÓN, 1987, p. 15). O entendimento de texto como objeto empírico e lugar de materialização de sentidos contradiz, assim, qualquer princípio de unidade e homogeneidade do objeto. Pelo contrário: “um ‘conjunto textual’ qualquer situado no social, é, por esse ponto de vista, o lugar de manifestação de uma multiplicidade de traços que evidenciam ordens de determinação diferentes”¹⁰ (VERÓN, 1987, p. 17).

No escopo da teoria da discursividade elaborada por Eliseo Verón, os fenômenos sociais, entre eles o discurso mediático, são entendidos como processos de produção de sentido. Conforme o autor, a teoria comporta um conjunto de hipóteses sobre o funcionamento da semiose social. Em outros termos, o estudo da semiose é o estudo dos processos de produção de sentido, sendo que:

Toda produção de sentido é necessariamente social: não podemos descrever nem explicar de uma maneira satisfatória um processo signifiante sem explicitar suas condições sociais de produção. Todo fenômeno social é, em cada uma de suas dimensões constitutivas, um processo de produção de sentido, independente do nível de análise (mais ou menos micro ou macro sociológico). (VERÓN, 1987, p. 122).¹¹

⁹ “un texte, en effet, peut être ou ne pas être approché d’un point de vue discursif : on peut, par exemple, le morceler en des ‘énoncés canoniques’ (le ‘normaliser’) en détruisant ainsi ses propriétés discursives” (VERÓN, 1987, p. 15).

¹⁰ “un ‘paquet textuel’ quelconque repéré dans le social, est, de ce point de vue, le lieu de manifestation d’une multiplicité de traces que relèvent d’ordres de détermination différents” (VERÓN, 1987, p. 17).

¹¹ Toute production de sens est nécessairement sociale : on ne peut pas décrire ni expliquer d’une manière satisfaisante un procès signifiant sans expliciter ses conditions sociales productives. Tout phénomène social est, dans un de ses dimensions constitutives, un procès de production de sens, quel que soit le niveau d’analyse (plus ou moins micro ou macro sociologique) (VERÓN, 1987, p. 122).

O processo de produção de sentido é considerado, assim, uma dimensão constitutiva de todo funcionamento da sociedade, o que possibilita afirmar então que toda produção de sentido está inserida no social. Assertiva que explica sua escolha pela discursividade: “é somente no nível da discursividade que o sentido revela suas determinações sociais e onde os fenômenos sociais mostram sua dimensão significante” (VERÓN, 1987, p. 123)¹².

Outro aspecto a se considerar é o de que toda essa produção de sentido, sendo social, manifesta-se de modo material. Verón (1987; 2013) postula que o sentido está nas matérias significantes que contêm traços ou pistas que permitem ao investigador localizá-lo. Dessa forma, quando se trata do sentido mediatizado, isto é, produzido e colocado em circulação por meio de dispositivos técnicos de comunicação, sua materialização resultará sempre de uma sequência de operações técnicas e sociais que deixam traços em sua superfície, permitindo ao analista reconstruir a discursividade. A materialidade discursiva, seja ela uma fotografia, um quadro, uma música ou mesmo um jornal, será, portanto, o ponto de partida de qualquer pesquisa.

Dessa forma, com os termos “discurso”, “discursividade”, “discursivo”, Verón designa, amparado por uma metodologia de análise, um certo modo de aproximação do analista aos textos. Supõe considerar o que está para além da sua materialidade explícita em um suporte, que são suas condições objetivas históricas, sociais, extradiscursivas (VALDETTARO, 2015, p. 150). Os textos, nessa perspectiva, tornam-se discursos quando colocados em relação com suas condições de produção, de circulação e de reconhecimento. Essa noção de discurso, é, para o autor, inseparável das considerações acerca da materialidade do sentido e da importância dos elementos extratextuais, corroborando com sua abordagem sociosemiótica da produção discursiva. Assim, ao se propor uma análise de um produto mediático tomando essa noção de discurso, significa entendê-lo em sua relação com outros discursos.

Para Eliseo Verón, tais elementos são mais que um contexto linguístico ou social imediato, mais que uma situação de comunicação. São condições de produção do discurso, algo inerente, constitutivo da sua existência e que deve ser considerado como tal se, e somente se, deixa traços no discurso. “*Processo de produção é somente o nome do conjunto*

¹² “Ce n’est donc qu’au niveau de la discursivité que le sens aère ses déterminations sociales, et que les phénomènes sociaux dévoilent leur dimension signifiante.” (VERÓN, 1987, p. 123).

de traços que as condições de produção deixam no textual, sob a forma de operações discursivas”¹³ (VERÓN, 1987, p. 16, grifos do autor).

Uma vez que os sentidos são construídos no interior de uma semiose social, histórica e infinita, tendo os meios de comunicação um papel de relevo na contemporaneidade, não existe, por conseguinte, discursos que sejam produzidos fora de condições econômicas, sociais, políticas e institucionais determinadas (VERÓN, 2004). É por isso que o estudo das condições de produção do discurso não consiste, segundo Verón (2004), em compreender apenas as propriedades imanentes do produto, mas sim o sistema de relações estabelecido entre ele e sua produção, de um lado, e, de outro, a circulação e o consumo.

A noção de condições de produção do discurso pode ser entendida, então, como as relações que estabelecem os textos ou discursos que compõem o conjunto significante em análise. Para Verón, “um discurso, ou um conjunto discursivo, não é nada além de uma configuração espaço-temporal de sentido”¹⁴ (VERÓN, 1987, p. 124).

Ao tratar de “configuração espaço-temporal de sentido” emerge a questão da existência de condições que se processam na produção do discurso: de um lado as pressões e estrangimentos de engendramento de um discurso (condições de produção), e de outro as determinações que delimitam as condições de recepção (reconhecimento). E entre ambos, situam-se as condições de circulação dos discursos sociais. Segundo o autor, o conceito de circulação designa o processo através do qual o sistema de relações entre condições de produção e condições de reconhecimento é produzido socialmente. As relações entre essas três instâncias constui, conforme Eliseo Verón, a semiose social enquanto uma rede significante infinita (VERÓN, 1987, p. 124-126).

As condições de circulação são marcadas pela variação, dependendo do suporte material-tecnológico do discurso como também da dimensão temporal que comporta uma perspectiva diacrônica e sincrônica. No primeiro caso (diacrônico), quando se leva em conta o acontecimento ao longo do tempo (exemplo, cobertura de sucessivos momentos eleitorais numa sociedade), ou então, um desses momentos e sua repercussão mediática em diferentes setores sociais. A noção de circulação se depara com um ambiente cada vez mais complexo, impulsionado pelos processos de mediatização, que implicam tanto o

¹³ “Processus de production n’est que le nom de l’ensemble de traces que les conditions de production ont laissé dans le textuel, sous forme d’opérations discursives.” (VERÓN, 1987, p. 16).

¹⁴ “un discours ou un ensemble discursif, n’est rien d’autre qu’une mise en espace-temps de sens” (VERÓN, 1987, 124).

funcionamento do suporte material-tecnológico, como igualmente as dimensões espacio-temporais, oferecendo uma nova materialidade dos discursos mediáticos.

Conforme o exposto, a produção social de sentido remete a uma visão integral e complexa do sistema produtivo, que implica uma articulação entre produção, circulação e reconhecimento. Dessa forma, para Verón, uma teoria sobre a discursividade social não poderia se limitar ao estudo da produção, uma vez que as leituras possíveis conduzem tanto ao processo de produção quanto ao processo de reconhecimento: “há sempre duas leituras possíveis: a do processo de produção (de engendramento) do discurso e aquele do consumo, da recepção desse mesmo discurso”.¹⁵ (VERÓN, 1987, p. 18).

O autor defende então que a reflexão passe da semiologia à semiótica com vistas à uma compreensão global do processo de produção de sentido operado pelos meios de comunicação, uma vez que, para Verón (1994a), a primeira é mais uma técnica de análise de *corpus* enquanto a segunda, dentro do escopo da obra de Peirce, é uma teoria global da sociedade e da cultura, localizada na produção de sentido. Por essa perspectiva, os estudos sobre produtos e processos da cultura mediática, sejam eles imanentes, fenomenológicos, semióticos, hermenêuticos, sociológicos ou de outra forma, podem ser enriquecidos se articulados a uma teoria de produção de sentido que alia áreas como comunicação, história, antropologia, sociologia, ciências políticas, economia, etc.

A obra de Eliseo Verón é extensa no que tange à sua teoria do discurso social e sua aplicação em análises de produtos mediáticos. O que nos interessa destacar neste trabalho é o entendimento de discurso como construção de sentido que se processa na semiose social e que se constitui de operações discursivas nas quais as matérias significantes (texto, fotos, imagens, cores, diagramação, etc) são investidas de sentido, bem como a importância de se considerar os aspectos extratextuais, ou do contexto, como condição inerente de engendramento do discurso mediático.

Sendo assim, qualquer dispositivo técnico de comunicação – um jornal impresso, filme, telejornal, site noticioso – constrói sentidos por meio de operações e estratégias que deixam traços na superfície discursiva, o que possibilita identificar, entre outros, o posicionamento discursivo e institucional do meio de comunicação e a articulação entre as instâncias de produção, circulação e reconhecimento. Além disso, no atual momento de complexificação da mediatização, o receptor ocupa cada vez mais a posição de

¹⁵ “il y a toujours deux lectures possibles : elle du processus de production (d’engendrement) du discours et celle de la consommation, de la réception de ce même discours” (VERÓN, 1987, p. 18).

operador/programador do seu consumo multimidiático (VERÓN, 2009), impactando nas condições de circulação de sentidos e, por conseguinte, na própria instância de produção.

Considerações finais

A reflexão acima empreendida nos permite concluir que, com maior ou menor destaque, a problemática dos processos de significação e produção de sentido está inserida no campo teórico da Comunicação desde o início da constituição desse campo científico. Os trabalhos do semiólogo Ferdinand de Saussure, dos linguistas Roman Jakobson e Émilie Benveniste, bem como do filósofo e semiótico Charles Sanders Peirce e mais contemporaneamente de Eliseo Verón, para citar apenas alguns, ofereceram às Ciências da Comunicação valiosas contribuições e diversas perspectivas teóricas e metodológicas para a análise dos produtos midiáticos pelo viés da linguagem e do sentido.

Entre as contribuições podemos citar: a noção basilar de que o sentido é construído e está imerso na *semiose social*, infinita, histórica e cultural; o aspecto relacional entre as instâncias envolvidas no processo de comunicação (produção, circulação e recepção); a abertura em direção aos aspectos sociológicos que permite avançar da análise imanente do texto rumo à uma visão holística ou sistêmica do processo de produção de sentido; a possibilidade de compreender a existência do duplo aspecto da instância de produção (emissor empírico e enunciador) e também da instância de reconhecimento (o destinatário empírico e o coenunciador); e que traços ou pistas de operações de produção e/ou de reconhecimento definem o sistema de referência das leituras possíveis, evidenciando o posicionamento discursivo do sujeito enunciador.

Sendo assim, toda produção midiática é discursiva e emerge no interior da *semiose social* adaptando-se à nova ambiência da mediatização e reconfigurando processos enunciativos. Portanto, os estudos e análises de produtos e linguagens da cultura midiática não podem ser mais de ordem puramente linguísticos, sociológicos ou de conteúdo, mas sim *sociosemióticos*, considerando toda a sua complexidade. O ponto de partida deve ser considerar que um objeto significativo, ou um conjunto discursivo, é um sistema de relações.

Uma análise de abordagem *semiodiscursiva* parte do entendimento que os meios de comunicação utilizam estratégias discursivas que se adaptam ao mundo ao seu redor, qual seja: uma sociedade em forte processo de mediatização, com indivíduos cada vez mais informados em tempo real, que compartilham conteúdo e experiências via redes sociais

online, tornando-se coprodutores de informações e cogestores da enunciação (VERÓN, 2013).

Portanto, as teorias e modelos comunicativos tem se distanciado da problemática acerca do “o que é dito?” – que marcou muitos estudos semânticos e pragmáticos e, especialmente no domínio dos estudos comunicacionais, pela influente análise de conteúdo – para o “como é dito?” e quais os efeitos de sentido possíveis. Nossa perspectiva teórico-analítica reforça, assim, a influência da comunicação como fator fundamental nos processos de produção de sentido, tendo como problemática importante a compreensão sobre como se processa a circulação de sentidos em uma sociedade cada vez mais complexa e em processo de mediatização. Para entender o “como é dito”, isto é, a Enunciação, é cada vez mais urgente repensarmos não apenas metodologias de análises inovadoras, mas as próprias Teorias da Comunicação – e por que não, também Teorias Sociais? – que nos servem de aporte teórico tendo como eixo os processos de mediatização da cultura e da sociedade.

Referências bibliográficas

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às Ciências da Comunicação**. Bauru (SP): Edusc, 1999.

BRAGA, Maria Laura. **Eliseo Verón**. In: ZECCHETTO, Victorino. Seis semiólogos en busca del lector: Saussure, Peirce, Barthes, Greimas, Eco, Verón. 3ª Ed. Buenos Aires: La Crujía, 2008. pp. 241-283.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo, Editora Perspectiva: 1986.

FERREIRA, G. M.. **Teorias da comunicação, teorias do discurso: em busca do sentido**. In: FERREIRA, G. M.; HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; MORAIES, O. J. De; (Orgs.). Teorias da Comunicação - trajetórias investigativas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, pp. 41-57.

FERREIRA, G. M.. **Das teorias da comunicação: um breve percurso da mensagem a certos desafios da análise dos discursos mediáticos**. In: Martino, Luiz C.; Ferreira, Giovandro; Hohlfeldt, Antonio; Moraes, Osvando de. (Org.). Teorias dos Meios de Comunicação no Brasil e no Canadá, vol. 1. Salvador: EDUFBA, 2013, pp. 157-174.

MEUNIER, Jean-Pierre; PERAYA, Daniel. **Introdução às teorias da comunicação**. Tradução Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VALDETTARO, Sandra. **Epistemología de la comunicación: una introducción crítica**. 1ª ed. Rosario: UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015. E-Book.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social: fragments d'une théorie de la discursivité**. Presses Universitaires de Vincennes. Saint-Denis, 1987.

VERÓN, Eliseo. **De l'image sémiologique aux discursivités**. Le temps d'une photo. Paris: Hermès, n. 13-14, 1994a. pp. 45-64.

VERÓN, Eliseo. **Mediatización, comunicación política y mutaciones de la democracia.** Semiosfera, n. 2, 1994b. pp. 5-36.

VERÓN, Eliseo. **Fragments de um tecido.** Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, E. **Semiotique Ouverte.** Paris: Hachette, 2009.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2 : ideas, momentos, interpretantes.** 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

WOLF, Mauro. **Recherche en communication et analyse du discours.** Revue Hèrmes, nº 11-12. Paris, CNRS Editions, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.